



DISCURSO DE LIMA BARRETO NAS CRÔNICAS *15 DE NOVEMBRO* E *DE CASCADURA AO GARNIER*: EMBATES DISCURSIVOS ENTRE EUGENIA E ETNICIDADE

*Auristela Rafael Lopes*¹

Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, Ceará, Brasil.

*Dina Maria Martins Ferreira*²

Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Brasil.

Resumo: Neste trabalho analisamos o fio discursivo de Lima Barreto, em trechos das crônicas *15 de Novembro* e *De Cascadura ao Garnier*, a partir dos embates discursivos entre eugenia/etnicidade relacionando-os aos pares identidade/alteridade. A temática Negritude é organizada como um movimento discursivo e social que tem em seu cerne a resistência à eugeniização na sociedade brasileira. O aporte teórico-analítico-metodológico se constrói pelos pensamentos de autores da Análise do Discurso Francesa (FOUCAULT, 2008, 2015; MAINGUENEAU, 1997, 2010, 2015), que são alinhados às categorias de campos e posicionamentos discursivos contra-hegemônicos. E, Lima Barreto, ao transgredir os discursos hegemônicos, nos leva a uma cosmovisão carnavalesca em relação a sua proposta lítero-crítica (BAKHTIN, 1999).

Palavras-chaves: eugenia, etnicidade, identidade, alteridade, negritude

¹ Especialista em História pela Faculdade Farias Brito, Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: auriarafa@gmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6492-5414>

²º pós-doutorado, em Ciências Sociais, pela Université Paris V, Sorbonne, em co-tutoria em Estudos da Linguagem, pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp (2009-2010); 1º pós-doutorado em Pragmática, pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp (2002-2003); doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995); mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1988). Pesquisadora do Centro de Atualidades e Cotidiano da Université Paris V, Sorbonne. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará. Autora de 5 livros, organização de 5 livros, capítulo de livros, artigos nacionais e internacionais. E-mail: dinaferreira@terra.com.br ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2585-497X>



LIMA BARRETO'S DISCOURSE IN THE CHRONICLES *15 NOVEMBER* AND *FROM CASCADURA TO GARNIER*: DISCURSIVE CLASHES BETWEEN EUGENICS AND ETHNICITY

Abstract: In this work we analyze the Lima Barreto discursive thread, in excerpts from the chronicles *15 de Novembro* and *De Cascadura ao Garnier*, from the discursive clashes between eugenics / ethnicity relating them to identity / alterity pairs. The theme Negritude is organized as a discursive and social movement that has at its core resistance to eugenization in Brazilian society. The theoretical-analytical-methodological contribution is built on the thoughts of authors of the French Discourse Analysis (FOUCAULT, 2008, 2015; MAINGUENEAU, 1997, 2010, 2015), which are aligned with the categories of counter-hegemonic and discursive fields and positions. And, Lima Barreto, in transgressing the hegemonic discourses, takes us to a carnivalesque worldview in relation to his literary-critical proposal (BAKHTIN, 1999).

Keywords: eugenics; ethnicity; identity; otherness; negritude

EL DISCURSO DE LIMA BARRETO EN LAS CRÓNICAS DEL *15 DE NOVIEMBRE* Y DE *CASCADURA A GARNIER*: CHOQUES DISCURSIVOS ENTRE EUGENESIA Y ETNICIDAD

Resumen: En este trabajo analizamos el hilo discursivo de Lima Barreto, en extractos de las crónicas *15 de Novembro* y *De Cascadura ao Garnier*, a partir de los choques discursivos entre eugenesia / etnia relacionándolas con pares identidad / alteridad. El tema Negritud está organizado como un movimiento discursivo y social que tiene en su núcleo la resistencia a la eugenzación en la sociedad brasileña. El aporte teórico-analítico-metodológico se construye sobre los pensamientos de los autores del Análisis del Discurso Francés (FOUCAULT, 2008, 2015; MAINGUENEAU, 1997, 2010, 2015), que se alinean con las categorías de campos y posiciones contrahegemónicas | discursivas . Y Lima Barreto, al transgredir los discursos hegemónicos, nos lleva a una cosmovisión carnavalesca en relación a su propuesta literario-crítica (BAKHTIN, 1999).

Palabras clave: eugenesia; etnia; identidade; alteridade; negritud

LE DISCOURS DE LIMA BARRETO DANS LES CHRONIQUES DU *15 NOVEMBRE* ET DE *CASCADURA À GARNIER*: AFFRONTEMENTS DISCURSIFS ENTRE L'EUGÉNISME ET L'ETHNICITÉ

Résumé: Dans cet article, nous analysons le fil discursif de Lima Barreto, dans des extraits des chroniques *15 de Novembro* et *De Cascadura ao Garnier*, des affrontements discursifs entre eugénisme / ethnicité les reliant à des couples identité / altérité. Le thème Négritude est organisé comme un mouvement discursif et social qui a au cœur de la résistance à l'eugénisation dans la société brésilienne. L'apport théorique-analytique-méthodologique s'appuie sur les réflexions des auteurs de l'Analyse du Discours Français (FOUCAULT, 2008, 2015; MAINGUENEAU, 1997, 2010, 2015), alignés sur les catégories de champs et positions contre-hégémoniques . Et, Lima Barreto, en transgressant les discours hégémoniques, nous emmène dans une vision du monde carnavalesque en relation avec sa proposition littéraire-critique (BAKHTIN, 1999).



Mot-Clés: eugénisme; ethnicité; identité; altérité; négritude

INTRODUÇÃO

As condições de produção de Afonso Henriques de Lima Barreto, nascido em 1881, estão intimamente ligadas ao período que recebe a alcunha de *Belle Époque* carioca – fase do processo de aburguesamento ao estilo parisiense, da cidade do Rio de Janeiro –, devido à modernização da então capital federal, à remodelação da cidade com a instalação de lampiões a gás, ao surgimento de teatros e cafés, às conferências de grandes intelectuais, aos automóveis e seus *chauffeurs*, à derrubada dos grandes casarões à beira mar, aos bondes elétricos e à construção da avenida Central.

Diante deste quadro cultural da ordem da sofisticação eurocêntrica, surgem, nas crônicas *15 de Novembro* (LIMA BARRETO, 1995) e *De Cascadura ao Garnier* (LIMA BARRETO, 2005), os embates discursivos sobre a racialidade do povo brasileiro, em que o par temático eugenia/etnicidade relaciona-se ao de identidade/alteridade. Nessas crônicas há controvérsias entre um Brasil colonial e um moderno, um período de transição em que se buscavam questões sobre identidade nacional, falar brasileiro, raízes culturais, preconceito racial, em contrapartida a discursos que se encontravam na onda civilizatória e urbanista da *Belle Époque* carioca, que funcionava com “discursos constituintes”³, consolidantes de uma visão moderna, homogênea e republicana da nação (SCHWARCZ, 2017b). No entanto, Lima Barreto que se autodenomina “homem das multidões” (LIMA BARRETO, 2005, p.60), observa o processo por outro prisma.

DIALOGANDO POR CAMINHOS TEÓRICOS

O olhar de Lima Barreto se dá a partir de um projeto dirigido a uma população menos abastada da cidade, que morava nos cortiços, grupo que em sua maioria possuía outras matrizes culturais, para além da europeia, ou seja, “Projetavam-se avenidas [...] plantas *squares*, delineavam-se palácios, e como complemento queriam também uma população catita, limpinha, elegante e branca” (LIMA BARRETO, 1996, p.99). Esta

³ O campo discursivo amparado pela tradição, situa-se na esfera global como discursos constituintes que funcionam como esferas que compõem uma formação discursiva, assim os discursos constituintes são pensados, como discursos “que dão sentido aos atos da coletividade” (MAINGUENEAU, 2000, p.6) e possuem um lugar consagrado na constituição de sentidos, ou em termos bakhtinianos uma voz autoritária que instaura uma memória ligada a um corpo de enunciadores consagrados, tais enunciadores consagrados, estão dentro de uma lógica de controle à circulação de certos discursos.



visão de modernidade não correspondia à realidade brasileira multicultural⁴, porquanto, junto à badalada modernização da cidade, ocorria outro processo paralelo – o *Bota-abaixo* – com a derrubada dos antigos casarões e expulsão de várias famílias de baixa renda que ali ocupavam os cortiços como ‘invasores’ da modernidade europeizada. É por este olhar, à margem, que fazemos nosso percurso pela Análise do Discurso Francesa, pelo pensamento de Pêcheux, de Foucault (2008, 2015) e de Maingueneau (1997, 2010, 2015), em que a palavra, o signo, ideológico e social, está presente no discurso transgressivo de Lima Barreto. Ainda no processo metodológico analítico utilizamo-nos de Bakhtin (1999) que analisa o humor como recurso de ambivalência e subversão para interpretarmos o discurso da negritude em crônicas de Lima Barreto.

ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

O pensamento de Pêcheux (1997) se faz pertinente nos estudos da linguagem, pois [...] propõe uma ruptura epistemológica” com a Linguística de Saussure, visto que pretendia, contrariamente, estudar a “língua em sua relação com o mundo” (MUSSALIM, 2001, p.105) e não apenas como sistema independente. Pêcheux em 1969, em seu livro *Análise Automática do discurso* (1997), cria um modelo de análise pautando-se na ideia de “máquina discursiva”, ou seja, a identificação de palavras-pivô para perceber a identidade de um determinado discurso. Assim, a língua sai da perspectiva de signo imanente e natural e passa a da de signo ideológico, histórico e social. Dois aspectos são basilares nesta perspectiva teórica: o sujeito não é consciente por esquecimentos ideológicos, o sujeito não é fonte de seu dizer, e, por esquecimentos da enunciação, o sujeito silencia outros dizeres.

No entanto, a noção de máquina estrutural fechada começa a implodir, e Foucault (2008) entra em cena criticando as proposições de Pêcheux, que concebia o sujeito como assujeitado em seu dizer por um já dito das ideologias dominantes. Foucault não considera o discurso como um sistema fechado, pois, além das condições de

⁴ Uma sociedade culturalmente heterogênea, mas que no ideal da formação de uma identidade nacional busca apagar as diferentes matizes étnicas e culturais. Para Hall (2006) a concepção de multicultural conservadora tenciona assimilar as diferenças à tradição sem conceder os direitos distintos às comunidades de acordo com suas histórias. Ou seja, aplicando essa teoria para a formação do povo brasileiro, há uma tentativa de apagamento dos conflitos e questões sociais envolvendo as comunidades colonizadas.



produção, o discurso se relaciona às condições de existência, às regularidades e às dispersões de formações discursivas.

Assim, para Foucault (2008, p.26), o discurso “está preso [a sistemas] de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede”, ou melhor, o discurso está inserido num amplo interdiscurso (entendido como um ‘além’ exterior e anterior) que traz tensões entre regularidades e dispersões desse imenso plano discursivo (COSTA, 2005). As relações com o exterior passam a ser elementos constitutivos do discurso em sua materialidade linguístico-discursiva e das relações de saber/poder que produzem também possibilidades de resistências e de rasuras. Essa exterioridade permite não só pensar o sujeito como uma categoria da análise discursiva que se encontra entre as regras do seu dizer, mas também como um sujeito que pode produzir subjetividades discursivas dissidentes.

Mas é em Maingueneau (1997, 2010, 2015) que embasamos nossas estratégias analíticas no que tange ao universo do interdiscurso e às categorias do campo discursivo e dos posicionamentos discursivos. Este autor declara o primado do interdiscurso sobre o discurso onde “a unidade de análise pertinente não é o discurso em si, mas o sistema de relações com outros discursos por meio do qual ele se constitui e se mantém” (MAINGUENEAU, 2010, p.50), pois todo discurso é atravessado por outros discursos, sendo assim um amplo interdiscurso, e o “[...]discurso só adquire sentido no interior de um imenso interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2015, p.28). Maingueneau (2015) destaca que há regras no dizer que funcionam como regularidades discursivas do campo, no entanto, também, destaca que há possibilidades de confrontos dos sujeitos em seus posicionamentos discursivos, e para uma melhor compreensão do interdiscurso, o trata a partir de uma tríade: universo discursivo, campo discursivo, espaço discursivo. O universo discursivo, embora finito, não pode ser apreendido em sua globalidade, daí se constrói uma análise dos enunciados do campo discursivo, como por exemplo, o campo jornalístico. Desse modo, “campo discursivo é definível como um conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, [...], por uma posição enunciativa em uma dada região (MAINGUENEAU, 1997, p.116).

Daí destacarmos a importância da cenografia, ou seja, do sujeito na instância de sua enunciação, em seu lugar de enunciação, uma “[...] enunciação como o correlato de uma certa posição sócio-histórica” (MAINGUENEAU, 1997, p.14), portanto, um sujeito



em relações de construções de sentido, afastado não só do conceito de sujeito dono de seu saber, já dado e livre, mas também do sujeito assujeitado sem qualquer possibilidade de resistência:

Não se trata nem de um sujeito cartesiano nem de um sujeito alienado, cujos conceitos acabam por pressupor o sujeito como fundamento, como dado fechado, mas de uma construção originada a partir de uma experiência de si que emerge em determinadas ‘condições de possibilidade’ e cuja manifestação, sempre em trânsito e localizada em um determinado exercício de enunciação pode ser vista a partir da participação desses indivíduos em comunidades discursivas. (MUNIZ, 2009, p.27)

Enfim, é preciso analisar o discurso a partir de um dado espaço discursivo, em que os sujeitos produzem efeitos de sentido em relações de força e de sentido, onde os enunciados estão em relação de concorrência com outros posicionamentos discursivos na confluência dos campos discursivos:

Enfim, o importante a assinalar é que cada um desses campos sociais e discursivos possui uma diversidade de *posicionamentos*, lugares de enunciação cuja identidade enunciativa está justamente na relação de diferenciação junto a outros posicionamentos dentro desse campo (nas palavras de Maingueneau, centro ou periferia, dominantes ou dominados). Em outras palavras, cada esfera da comunicação humana situa seus sujeitos a partir de uma tomada de posição (doutrinas, escolas, movimentos). (MUNIZ, 2016, p.17) (grifo do original)

Os discursos não produzem só concordância, podem numa configuração de um determinado campo discursivo, estarem às margens, num espaço fronteiro que permita a certos posicionamentos discursivos se afastarem das vozes consagradas em determinadas comunidades discursivas e produzirem discursos dissonantes/rebeldes.

Daí, as crônicas barretianas, aqui, são analisadas a partir de sua inscrição num campo discursivo – o lítero-jornalístico –, de identidades enunciativas em seus posicionamentos discursivos, de um imenso interdiscurso que podem ou não referendar os discursos constituintes. A partir dessa abordagem é que se pode pensar em identidades enunciativas dissidentes do discurso civilizador. Está em jogo analisar rastros, vestígios de identidades enunciativas marcadas pelo embate discursivo entre os pares eugenia/etnicidade.

COSMOVISÃO CARNAVALESCA



O fio discursivo barretiano, em toda a sua obra, não apenas em suas crônicas, é permeado pela ironia, pela sátira e pelo humor, um humor coletivo e dialógico voltado para uma linguagem popular, ou seja, o vocabulário de praça pública. Por tais características linguístico-discursivas é que o inscrevemos numa tradição de uma cosmovisão carnavalesca.

Para Fiorin (2016, p.97), “A carnavalização é a transposição para a arte do espírito carnavalesco”, é trazer o caráter do carnaval para a linguagem que pensa o mundo de forma inacabada, relativizada e bivocal, sendo que o sério e o cômico se complementam numa visão do mundo sem distinção ou hierarquias. Bakhtin (1999) assinala que

O Carnaval era o triunfo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do sistema vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus. Era a autêntica festa do tempo, a do futuro, das alternâncias e renovações. Opunha-se a toda perpetuação, a todo aperfeiçoamento e regulamentação, apontava para um futuro ainda incompleto. (BAKHTIN, 1999, p. 9)

O Carnaval analisado por Bakhtin não é um espetáculo a ser assistido, mas é a própria vida. O senso carnavalesco, cuja característica basilar é a subversão e a revolução, apresenta-se na literatura como uma força-ação de renovação com vistas a desestabilizar o mundo oficial. Não vemos, portanto, como acaso que Lima Barreto tenha escolhido o riso como porta de entrada para apresentar ao mundo nossa “admirável republiqueta das bananas”. A fala barretiana incita o leitor a uma resposta e a uma releitura/reescrita da sociedade: “A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um mundo ao revés [...]”. (BAKHTIN, 1999, p.10) Para este autor, durante o carnaval são revogadas todas as leis, todas as normas, todas as hierarquias, ou seja, os sistemas que regulam a vida oficial.

Segundo Bakhtin (1999), a carnavalização literária, apesar de seus limites, permite trazer, para o campo literário, uma inter-relação entre a negação/destruição e a afirmação/regeneração do mundo – um mundo imperfeito e inacabado. Trata-se de uma paródia da vida real, ressignificando o que antes era pensado apenas de forma negativa. A literatura carnavalizada imita, copia e deforma o real ridicularizando-o. Atos de encenação são acionados. O sujeito enunciador reveste-se de personagens imitando o real,



ao mesmo tempo que cria outras possibilidades de ver o mundo – conta causos, expressa sentimentos, usa de uma linguagem familiar para causar o efeito de cotidiano. Esta literatura é marcada por um riso ambivalente, coletivo e dialógico:

O riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio do *povo* (esse caráter popular, como dissemos, é inerente à própria natureza do carnaval); todos riem, o riso é “geral”, em segundo lugar é *universal*, atinge a todas as coisas e pessoas (inclusive as que participam no carnaval), o mundo inteiro parece cômico e é percebido no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo, por último esse riso é *ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente. (BAKHTIN, 1999, p. 10) (grifos do original)

As manifestações desse riso da cultura popular se expressam de três modos no cotidiano: as festividades em praça pública; a literatura cômica (inclusive as paródicas); e o vocabulário familiar e grosseiro. Destaca-se pelas *mésalliances* (alianças ou combinações de elementos díspares), onde não há separação entre os contrários, nem hierarquias, porquanto os duplos se completam – é o mundo da liberdade e da igualdade. Além disso, configura-se pelo destronamento dos cânones: dos heróis, do sacro, do oficial. Enfim, é pela quebra de hierarquias e por um mundo que une os contrários que se constrói a carnavalização.

Mas, é claro que não se pode esperar esse mesmo senso carnavalesco na vida moderna, porém, como afirma Bakhtin (1999, p.15), ainda existem “(...) centelhas da chama única do carnaval convocada para renovar o mundo”. A carnavalização levada para a literatura traz a influência desse senso carnavalesco, proporcionando na escrita, uma quebra de formalidades, uma dualidade do mundo, reunindo os contrários em interação no cotidiano. Destarte, a carnavalização literária empreende uma ação de dessacralizar as verdades instituídas e assim recriar/produzir modos alternativos de pensar/viver a realidade:

O carnaval é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre os atores e espectadores. No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnavalesca. Não se contempla, e em termos mais rigorosos, nem se representa o carnaval, mas vive-se nele, e vive-se conforme as leis enquanto estas vigoram, ou seja, vive-se uma vida carnavalesca. Esta é uma vida desviada da sua ordem habitual, em certo sentido é uma “vida às avessas” um “mundo invertido” (BAKHTIN, 1981, p.105).



Para Minois (2003, p.32) o riso teria o efeito “[...] de ser outro por algum tempo para ver mais a si mesmo[...]”, ou seja, o riso festivo é uma necessidade de caos para depois ocorrer a restauração da paz social. Sendo pensado como uma segunda vida, seria uma forma de liberdade do mundo racionalizado, do sério e das restrições.

Esses elementos da cosmovisão carnavalesca permitem brincar/destronar os sujeitos em seus papéis sociais determinados pelo mundo oficial. Assim, o senso carnavalesco abre uma possibilidade de pensar o mundo parodiado, subvertendo a ordem oficial. Tal característica produz uma imagem do mundo que prima pela igualdade. São todos iguais, desnudados de seus papéis sociais, possibilitando que, autores, como Lima Barreto, questionem a ordem do mundo em que viviam, mundo pautado por hierarquias, desigualdade social, distinções dos sujeitos pela cor e de um imaginário dissociado da realidade social, por uma literatura que se notabilizou por ser um “sorriso da sociedade”⁵.

Assim posto, o mundo parodiado, escrachado, ridicularizado em Lima Barreto tem mais coisas a dizer do que se possa imaginar. E, como diria Chicó, [...] *só sei que foi assim*⁶.

LIMA BARRETO E SEU DISCURSO

Cidade silenciada: racialidade

A derrubada dos cortiços, na *Belle Époque* carioca, criou um panorama de uma cidade cindida, em que os antigos moradores dos cortiços se deslocavam em sua grande maioria para as encostas dos morros cariocas ou para os subúrbios, e tal realidade foi alvo de análise para Lima Barreto:

Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças por toda parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. (...)há verdadeiros aldeamentos dessas barracas nas coroas dos morros, que as árvores e os bambus escondem aos olhos dos transeuntes. (...) toda essa população pobríssima, vive sob ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um verdadeiro flagelo. (LIMA BARRETO, 1990, p.82)

⁵ Segundo Broca (2004) a cena cultural da época foi sintetizada na expressão “a arte pela arte”, ou ainda “a literatura é o sorriso da sociedade”. Como frisa o próprio Lima Barreto, é uma literatura de deleite, de sobremesas “(...) pois o literato não tem função social na nossa sociedade”. (LIMA BARRETO, 2001, p.13)

⁶ Frase do personagem Chicó do seriado *Auto da Compadecida* de Guel Arraes (1999), a partir da peça homônima *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna (1995).



O mote de toda sua produção discursiva é justamente trazer, a partir da linguagem, uma cidade do Rio de Janeiro desconhecida no mundo: “Admirava-me que essa gente pudesse viver, lutando contra a fome, contra a moléstia e *contra a civilização*, que tivesse energia para viver cercada de tantos males, de tantas privações e dificuldade”. (LIMA BARRETO, 1996, p.10) (grifos nossos)

Embora todos os tipos sociais fossem objeto de sua literatura, aos pobres e anônimos foram dedicados suas melhores páginas. Lima Barreto nutria por eles um carinho especial. Já aos mandarins, aos doutores, aos políticos, ao alto escalão da burocracia estatal, sua verve irônica e satírica dedicou-se ao escracho, ao risível, ao grotesco, como estratégia de trazer à tona o absurdo das negociatas do país da patuscada.

Assim, no contexto de uma república que ignorava a situação de desamparo da população não-privilegiada, de teorias que defendiam o branqueamento da população, de darwinismo social criando um ambiente de segregação entre etnias, de governos que ignoraram as questões sociais e culturais, Lima Barreto, sensível às agruras dessa população esquecida pelo Estado, expõe um Brasil desconhecido na literatura da época e da idealização do processo civilizatório, ou seja, um Rio para estrangeiros e o Rio das favelas.

Nesse cenário, Lima Barreto permite o posicionamento discursivo de um Outro sujeito social. Seus personagens

Eram diferentes daqueles que o público estava habituado a encontrar nos romances que faziam sucesso então. Suas religiões híbridas destoavam do catolicismo oficial e imperante; os protagonistas variavam nos tons expressos na cor da pele, e moravam em locais mais distantes da cidade, que ressoavam um passado africano (SCHWARCZ, 2017a, p.10).

Com isso, seus personagens constroem a semente da resistência negra, de pertencimento a um grupo que precisaria (r-)existir ao enquadramento social, cultural e religioso implementado pelo projeto de modernização e higienização do governo Rodrigues Alves. Desse modo, Lima Barreto coloca-se num posicionamento discursivo de crítica incisiva às teorias raciais do início do século XX.



Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906)⁷, principal estudioso das raças brasileiras, influenciado pelas teorias racistas do início do século, determina em seu estudo, uma visão negativa sobre o negro, alegando que o povo brasileiro estaria fadado à degeneração se o elemento negro não fosse atenuado⁸:

A questão da constituição de uma “identidade racial” brasileira foi reforçada primeiramente pelas interpretações raciais dos teóricos vindos de fora do país. O fator “raça” era então entendido como um tipo de influência vital “no potencial civilizatório” de uma nação, sendo que as teorias raciais publicadas na Europa, e em especial em Paris, causavam aqui um grande impacto. O Brasil aparecia nesses relatos como primeiro grande exemplo de “degeneração num país tropical” de raças mistas. Buckle, Le Bon, Gobineau, Lapouge e vários outros darwinistas sociais eram muito cotados no Brasil, devido a suas teorias sobre a inferioridade negra, a degeneração mulata e decadência tropical. (SCHWARCZ, 2017b, p. 26) (grifos no original)

Para Schwarcz (2017b), o tratamento dado ao negro como elemento da ciência cria condições para o racismo no Brasil. A mestiçagem, nesse contexto, é uma ação de se afastar do elemento negro, levando a população brasileira ao seu branqueamento, paulatinamente, e, inclusive, a imigração europeia passa a ser vista como a salvação do Brasil contra a degeneração da ‘raça’⁹.

Lima Barreto encontra na linguagem, uma possibilidade de destituir as ideias dominantes de seu lugar privilegiado como discurso consagrado da ciência e do progresso: “Com a mesma ironia aguda característica de seu estilo, Lima Barreto contrapôs a expressão ‘*Belle Époque Tropical*’, consagrada para representar o modelo

⁷ Raimundo Nina Rodrigues é considerado o fundador da antropologia criminal brasileira e pioneiro nos estudos sobre a cultura negra no país. Foi o primeiro estudioso brasileiro a abordar a temática do negro como questão social relevante para a compreensão da formação racial da população brasileira, apesar de adotar uma perspectiva racista, nacionalista e cientificista, em seu livro *Os Africanos no Brasil* (1935).

⁸ Somente a partir da década de 1930, com os estudos de Gilberto Freyre e Artur Ramos é que o elemento negro será estudado por outro olhar, ou seja a mestiçagem passa a ser vista de forma positiva amparada pelo conceito de diversidade. Cabe ressaltar que os estudos não apagaram no imaginário das pessoas a questão racial e o pior de seus frutos: o racismo. Para melhor detalhamento, ver Schwarcz (2017b) e Munanga (2009).

⁹ Numa perspectiva decolonial, racismo e raça são elementos de um mesmo processo histórico de racialidade que produziu uma hierarquia mundial de entre os povos, assim raça e racismo são pensados como conceitos históricos produzidos para justificar a dominação de outros pelos europeus. Para Nascimento (2019), esses conceitos não são naturais ou produzidos no âmbito de um saber neutro, são situados em relações de poder desiguais e opressoras



vencedor da modernidade importada, duas outras, ‘Rio-Paris barato’ e ‘Buenos Aires de tostão’”. (FREITAS, 2005, p.10, grifos do original)

Embora, o termo ‘negritude’ só tenha chegado ao Brasil nos anos 20, do século XX, Ferreira (2006, p.164, grifos do original) afirma que “alguns autores sustentariam que, desde o século XIX, graças aos versos do poeta e abolicionista Luiz Gama, o Brasil carregava o germe de uma ‘negritude virtual’”. Em Lima Barreto também pode-se encontrar indícios de uma intenção de escrever uma espécie de *negrismo*, como o próprio autor revela em seu diário íntimo, e nessa sua tentativa de escrever uma “espécie de *Germinal negro*”, Lima Barreto inscreve na literatura brasileira uma das primeiras tentativas de discutir a questão do negro no Brasil:

1903

Um Diário Extravagante

Eu sou Afonso Henriques de Lima Barreto. Tenho vinte e dois anos. Sou filho legítimo de João Henriques de Lima Barreto. Fui aluno da Escola Politécnica. No futuro, escreverei a *História da Escravidão Negra no Brasil* e sua influência na nossa nacionalidade. (LIMA BARRETO, 1993, p.12)

A produção discursiva de Lima Barreto, em sua condição de uma América colonizada é fundamental para compreender os movimentos de resistência às teorias raciais que colocavam o negro numa posição subalterna. O autor, ciente de que a abolição da escravatura não aboliu as relações desiguais na sociedade brasileira e nem barrou o avanço do racismo enquanto discurso dominante na recém-proclamada república brasileira, compôs em sua literatura uma profusão de tipos étnicos de modo a possibilitar uma visão de Brasil mestiça bem distante da literatura de deleite que se produzia à época.

O conceito de racialidade proposto por Fanon (2008), sugere uma perspectiva discursiva em que a racialidade no mundo colonial produziu também um discurso de resistência pautado na etnicidade. Eugenia e etnicidade seriam elementos desse embate e, embora em realidades diferentes, Brasil e África passaram por processos semelhantes. Sobre essa questão Munanga (2005, p.2) argumenta que

Apesar das diferenças dos contextos históricos e geográficos, cheguei a conclusão de que tanto a negritude no contexto africano como o ideal do branqueamento no contexto brasileiro, tinham um denominador comum: eram ambos resultados de um racismo universalista, que quis assimilar os africanos e seus descendentes brasileiros numa cultura considerada como superior.



E é pelos embates provocados pelo par eugenia/etnicidade que entra em jogo os pares identidade/alteridade nas representações discursivas da sociedade. Sobre a questão da identidade, Pesavento (2000, p.16, grifos do original) nos diz que

A identidade é uma representação relacional, pois tem como referência a alteridade dos “outros”. A delimitação e configuração do “nós” identitário tem como contraponto a existência dos “outros”. Identidade e alteridade trabalham entre si pela metáfora do espelho, onde a designação e qualificação do “outro” é um dizer-se de si mesmo. A alteridade, no caso, pode ser desejada, admirada, exótica, constituindo-se até como uma identidade a ser alcançada e que se persegue, mas pode também ser a identidade negada, a parte de nós rejeitada, que se envolve na alteridade condenada dos excluídos.

Mas, os embates continuam, pois esse outro acaba por ser engolido pela ideia de uma identidade fixa e homogênea, sobre a qual os estudos culturais questionam tal imobilidade da identidade pensada como nacional, eurocêntrica e homogênea (Hall, 2003, 2006). Entra em cena, nesta discussão, as identidades diaspóricas, expulsas da nação imaginada a partir de padrões filosóficos, estéticos e sociais ocidentais e eurocentrados, até porque essas identidades trazem “outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes” (BHABHA, 1998, p.24; HALL, 2006).

A cidade em riso: resistência

As primeiras décadas do século XX são marcadas pelo humor e a irreverência, tanto na imprensa quanto na literatura. Mas esse humor não é, predominantemente, relacionado ao riso que liberta. Está mais relacionado ao riso que educa, civiliza, coíbe ações consideradas inadequadas à nova época, expresso pela máxima *ridendo castigat mores*. (MUNIZ, 2016)

Observa-se, nesta época, que a representação do negro nas revistas ilustradas de modo estereotipado e marginal perdura até a década de 50. Alia-se a essa constatação, as proposições de Duarte (2013, p.146, grifo do original) que denuncia “a quase completa ausência de autores negros, que não apenas configura nossa literatura como *branca*, mas aponta igualmente para critérios críticos de base eurocêntrica que deixam de fora experiências e vozes dissonantes sob o argumento de não se enquadrarem em certos padrões de qualidade ou estilo de época”. Tal contexto aponta para a situação do negro e



o seu “não-lugar” na literatura brasileira. Essa situação só se modificará nos anos 70 com o movimento *Quilombhoje* e a edição dos *Cadernos Negros*¹⁰.

Embora, não se possa dizer que o foco das crônicas barretianas seria o negro, porque este autor se interessava por variadas questões, pode-se formular conjecturas de que, sendo as comunidades negras uma das mais atingidas pelos projetos higienistas, Lima Barreto como literato negro não se furtou a dar visibilidade a luta dessa parcela da população por sua cidadania.

A favor do combate pelo riso e pela carnavalização do mundo para libertar a palavra do academicismo inócuo, Lima Barreto foi incitando o riso crítico em seus leitores e construiu um retrato peculiar do Brasil no início do século XX:

A comicidade aparenta ser a forma de revelação da verdade encontrada pelo escritor para desmascarar as leviandades sociais; do mesmo modo, a carnavalização das imagens da vida procura dar leveza à narração ao conduzir o leitor por um caminho irônico, alegre, para, posteriormente, fazê-lo refletir sobre as questões suscitadas. (LIMA, 2016, p.15-16)

Para este autor, o humor é utilizado como uma estratégia discursiva para tratar questões sociais que haviam sido silenciadas por mecanismos de exclusão, ancorados em discursos tidos como científicos que apregoavam a degeneração da raça brasileira se não houvesse um branqueamento da população. (SCHWARCZ, 2017b)

Mas, segundo Foucault (2015), o poder não é apenas negativo, não reprime somente, “ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (Foucault, 2015, p.45), ou seja, o discurso produz respostas, subjetividades que se contrapõem ao simulacro das identidades estanques e unificadas sob discursos consagrados, porquanto a modernidade não produz apenas “corpos dóceis”.

Partindo dessa premissa, apesar das condições adversas em que vivia Lima Barreto, negro, pobre, anarquista, sua vontade de fazer da palavra um elo de comunicação permitiu que produzisse um discurso contraposto àqueles que tentavam desconstruir a diversidade dos sujeitos sociais, de possibilidades de verdades que dialogam com

¹⁰ É o movimento *Quilombhoje* que dá origem aos *Cadernos Negros*, uma publicação contínua afro-brasileira de vários autores. Disponível em: www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros. Acesso em: 20/01/2020.



alteridades. Como negro, ao se ver rodeado de toda aquela racionalidade positivista que o impedia de mostrar-se e mostrar os seus, optou pelo riso, porque a própria racionalidade era uma racionalidade invertida – isso o faz trazer à tona o riso, não o riso ingênuo, mas o riso que desestabiliza o estatuído e que se expressa-por meio das várias práticas sociais.

Sobre seu descompasso com o sentimento geral da intelectualidade brasileira, Barbosa (2002) narra que Lima Barreto, ao estar se divertindo num carnaval, em 1906 ou 1907, some intempestivamente da festividade. E, quando questionado por seu amigo Noronha Santos sobre o motivo de seu sumiço, responde que o motivo de seu sumiço estava na música da moda entoada pelos companheiros de farra *Vem cá, mulata! Não vou lá*¹¹. Ao amigo confessa: “Aquilo (...) penetrou-me nos ouvidos como um insulto. Lembrei-me de minha mãe. O convite canalha parecia dirigido a ela...” (LIMA BARRETO *In* BARBOSA, 2002, p.235). Este evento narra bem as contradições de ser um escritor negro em uma sociedade que ainda não digerira, e não digeriu até hoje, seu passado escravocrata e as relações sociais entre homens negros e brancos.

Schwarzc (2017a) também se debruçou não só sobre a nota biográfica do escritor Lima Barreto, mas também sobre o uso da palavra ‘mulata’ em que o riso acaba por ser uma arma que marca ideologicamente o papel social da mulher negra na República. Para esta autora, o humor, muito presente nas modinhas da época, reforça uma visão da mulata muito propagada desde a época da escravidão em que a mulata/cativa estava à mercê dos desejos sexuais de seus senhores. Vale a pena trazer uma outra canção que recorre ao termo mulata e que faz parte do imaginário mais recente: “O teu cabelo não nega mulata./Porque és mulata na cor/Mas como a cor não pega mulata./Mulata eu quero o teu amor”¹².

As músicas exemplificam o riso que busca inferiorizar o outro, que é usado para depreciar um grupo e que, mesmo passados mais de 100 anos, ainda persiste na malha ideológica das práticas sociais discursivas, produzindo efeitos de sentido humorísticos que reforçam a vocação da mulher negra de ser objeto de desejo do eu-branco – assim “termos como ‘mulata’ não permanecem apenas pela lógica adormecida do passado: são reanimados na história do presente” (SCHWARCZ, 2017a, p.259, grifo do original),

¹¹ Segundo Schwarzc (2017a) a letra é de Arquimedes de Oliveira e foi composta em 1902.

¹² Música de Lamartine Barbo (1932), *O teu cabelo não nega*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WW1rz-cvOMw>. Acesso em: 25/05/2020.



associando o corpo negro inferiorizado, seja pela herança do trabalho escravo, seja pela ideia da sexualização do corpo negro.

Mas não apenas o corpo é inferiorizado, o espírito também fica marcado por estereótipos que usam o humor como forma de depreciar o outro, o riso mau se vale dos estereótipos para naturalizar os preconceitos, e, sendo uma negação ao outro, pode-se dizer que aquele que se revoltou e que não aceitou as mudanças, é visto como *o outro*, fonte de todo mal, associado à alienação, à malandragem. O riso nem sempre é positivo, ou permite as transformações regeneradoras da roda da vida, ou, em certas ocasiões, pode ser uma força de estagnação nas lutas entre dominantes e dominados.

CRÔNICAS DA BELLE ÉPOQUE CARIOCA

15 de Novembro

Na crônica *15 de Novembro*, dividimos a análise em duas partes, porque nos parece ter sido a pretensão do autor cindir os festejos da proclamação da República a partir do subúrbio e do processo de Reforma urbana realizado a partir de 1903.

Primeira parte, “do subúrbio”:

15 de Novembro

Escrevo esta no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República. Não fui à cidade e deixei-me ficar pelos arredores da casa em que moro, num subúrbio distante. Não ouvi nem sequer as salvas da pragmática; e, hoje, nem sequer li a notícia das festas comemorativas que se realizaram. Entretanto, li com tristeza a notícia da morte da princesa Isabel. Embora eu não a julgue com o entusiasmo de panegírico dos jornais, não posso deixar de confessar que simpatizo com essa eminente senhora.

Veio, entretanto, vontade de lembrar-me o estado atual do Brasil, depois de trinta e dois anos de República. Isso me acudiu porque topei com as palavras de compaixão do Senhor Ciro de Azevedo pelo estado de miséria em que se acha o grosso da população do antigo Império Austríaco. Eu me comovi com a exposição do doutor Ciro, mas me lembrei ao mesmo tempo do aspecto da Favela, do Salgueiro e outras passagens pitorescas desta cidade. (LIMA BARRETO, 1995, p.45)

Nesta crônica, o sujeito enunciator constrói sentidos no fragmento *Não ouvi nem sequer as salvas da pragmática e hoje, nem sequer li a notícia das festas*



*comemorativas*¹³, indicando que não concorda somente com as comemorações, mas também questiona a República brasileira. Seu posicionamento discursivo expressa uma ironia dissimulada, ou seja, uma ironia que disfarça o que enunciador quer dizer, um algo que não pode ou não deve ser dito – usa o recurso de um discurso ambivalente. Está na ambivalência do discurso a tentativa de desqualificar o acontecimento discursivo das festas de comemoração da proclamação da República.

Produzindo, discursivamente, efeitos de sentido que os situam num lugar de fala da diferença, para marcar um certo posicionamento dissidente aos discursos da época, Lima Barreto apresenta um outro lugar social, *os subúrbios*, possibilitando que o leitor também dialogue com os que não foram contemplados pela República afrancesada. Em certa medida, o enunciado produz efeitos de sentido que questionam esta República brasileira diante dos excluídos pela própria República.

A República representa, nesta crônica, o herói com vestes oficiais, num movimento discursivo carnavalizado em que o sujeito enunciador o destrona de sua majestade quando traz à cena enunciativa *as favelas*. Observe-se que se enuncia a partir de campos discursivos – o literário e o jornalístico – que louvam a então modernidade, destoando desses discursos constituintes, o sujeito enunciador chama a atenção sobre a *miséria do povo do Império Austríaco*, mas que não se menciona a miséria social das *favelas*. Destarte, desmistificando tal República, convoca-se uma reflexão sobre a representação simbólica de um governo do povo que ignora a situação desse mesmo povo. Embora, as palavras sejam citadas de forma tênue – uma das características da carnavalização literária é a relatividade da dissimulação –, não se pode ignorar a importância da marcação discursiva, mesmo que dissimulada, porquanto a maioria dos contemporâneos de Lima Barreto, em seus posicionamentos discursivos, via com pouca simpatia ou nenhuma o povo pobre das favelas¹⁴.

Como recurso linguageiro o enunciador traz para a narrativa a simplificação da linguagem, numa tentativa de jogar com a verdade dos discursos pomposos e solenes. Introduce um estilo de linguagem em tom de conversa, sem grandes intenções acadêmico-científico-literárias clássicas ao dizer que *topou com as palavras do senhor* *Ciro de*

¹³ Os fragmentos das crônicas que se encontram dentro do texto estão em itálico para efeitos de visualização analítica.

¹⁴ Olavo Bilac considerado um dos maiores cronistas do período em questão era um grande entusiasta da República e seus mecanismos de controle social. Ver Bilac, 2011.



Azevedo, e se *comoveu*. Pela brincadeira com o senhor Ciro de Azevedo constrói um estilo irônico que parece não se comover com a situação dos miseráveis em terras tupiniquins. E, por este teor irônico, destacamos o tom dessacralizador do discurso que marca um sujeito enunciador que questiona a *República em seus 32 anos de instauração*, um posicionamento transgressor na quebra da pompa no discurso e outro da voz, mesmo que de passagem, do morador das favelas e dos bairros esquecidos pela modernidade.

Na segunda parte, “do processo da Reforma urbana”, mais uma vez, observa-se a quebra da pompa pelo discurso próximo à oralidade. É como se fosse uma conversa de botequim com o leitor *pensando com meus botões como devia qualificar a República*:

Em seguida, lembrei-me de que o eminente senhor prefeito quer cinco mil contos para reconstrução da avenida Beira-Mar, recentemente esborrachada pelo mar.

Vi em tudo isso a República; e não sei porquê, mas vi.

Não será, pensei de mim para mim, que a República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de parvenu, tendo como repoussoir a miséria geral? Não posso provar e não seria capaz de fazê-lo.

[...]

Voltei melancolicamente para almoçar, em casa, pensando, cá com os meus botões, como devia qualificar perfeitamente a República.

Entretanto – eu o sei bem – o 15 de Novembro é uma data gloriosa, nos fastos da nossa história, marcando um grande passo na evolução política do país.

(LIMA BARRETO, 1995, p. 46)

Neste fragmento, é possível observar um posicionamento discursivo mais contundente, a República não é de fato uma República, é um simulacro, é o regime das fachadas – *República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de parvenu, tendo como repoussoir a miséria geral* – em contrapartida ao 15 de Novembro [como] *uma data gloriosa, nos fastos da nossa história*. A figura República é destronada de sua pompa, há um movimento retórico de provocar a reflexão sobre o que a data oficial, 15 de novembro representaria para os subúrbios distantes.

Nesta parte da crônica, a narrativa sobre a cidade e a geografia dialoga com outros discursos, mobiliza-se o diálogo além e alhures quando se evoca a memória das reformas urbanas e higienistas ocorridas no início do século XX. Observamos, esse aspecto quando cita a *Avenida Beira-Mar esborrachada pelo mar*, ou seja, a reforma urbana, implementada há mais de dez anos, ainda marca a cidade, e o mais curioso é sua



atualidade, pois, ciclicamente, Lima Barreto vislumbrou situações que até hoje ocorrem, tal como a tragédia da ciclovia esborrachada pelo mar¹⁵.

Mas, como a literatura carnalizada não tem a intenção do ataque, mas de trocar com os elementos sérios, ridicularizando-os, buscando pelo avesso desestabilizar o mundo clássico, o sujeito enunciativo finaliza sua fala glorificando o 15 de novembro, *eu o sei bem – o 15 de Novembro é uma data gloriosa*.

Pode-se observar, ainda em relação à crônica *15 de Novembro*, que não há em Lima Barreto nenhuma esperança naquela República. Não que Lima Barreto fosse um monarquista, como afirma seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa, mas, sem dúvida, um indivíduo em conflito, cujas denúncias se direcionavam ao falseamento de nossos costumes e hábitos com vistas à Europa: “nunca seria ortodoxo de nenhum credo ou filosofia, Lima Barreto era um revoltado, em permanente conflito com mundo em que vivia”. (BARBOSA In LIMA BARRETO, 1996, s/p)

De Cascadura ao Garnier

Lima Barreto, um escritor ligado aos aspectos urbanos, observa as mudanças que as reformas urbanas e higienistas trouxeram ao Rio de Janeiro, o bonde seria um dos principais objetos de análise do processo de modernização implementado no início do século XX.

Na crônica *De Cascadura ao Garnier*, Lima Barreto (2005) fala da cidade e seus contrários, dos bairros periféricos ainda com porcos soltos pelas ruas e dos bairros *chics* ao estilo clássico com suas livrarias e seus poetas parnasianos, e traz à cena enunciativa o bonde que reúne sujeitos de todas as cores, sujeitos que assumem determinadas identidades de acordo com a geografia da cidade em que o bonde, como ponte entre o velho e o novo, liga elementos díspares entre si:

De Cascadura ao Garnier

Embarco em Cascadura. É de manhã. O bonde se enche de moças de todas as cores com os vestuários de todas as cores. Vou ocupar o banco da frente, junto ao motorneiro. Quem é ele? É o mais popular da linha. É o "Titio Arrelia" – um crioulo forte, espadaúdo, feio, mas simpático. Ele vai manobrando com as manivelas e deitando pilhérias, para um lado e para outro. Os garotos, zombando

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/08/trecho-da-ciclovia-tim-maia-cai-novamente-durante-temporal.ghtml>. Acesso em: 05/06/2020.



da velocidade do veículo, trepam no bonde e dizem uma chalaça ao "Titio". Ele os faz descer sem bulha nem matinada, graças a uma graçola que sublinha, como todas as outras, com o estribilho:

- É pau!

Esse estribilho tornou-o conhecido em todo o longo trajeto desse interessante bonde que é o Cascadura. Ele percorre uma parte da cidade que até agora era completamente desconhecida.

[...]

A Light, porém, com o seu bonde de "Cascadura" descobriu-a (a estrada pela qual passava o bonde) de novo e hoje, por ela toda, há um sopro de renascimento, uma palpitação de vida urbana, embora os bacorinhos, a fuçar a lama, e as cabras, a pastar pelas suas margens, ainda lhe deem muito do seu primitivo ar rural de antanho. Mas... o bonde de Cascadura corre; "Titio Arrelia", manejando o "controle", vai deitando pilhérias, para a direita e para a esquerda; ele já não se contenta com o tímpano; assovia como os cocheiros dos tempos dos bondes de burro; e eu vejo delinear-se uma nova e irregular cidade, por aqueles capinzais que já foram canaviais; contemplo aquelas velhas casas de fazenda que se erguem no cimo das meias-laranjas; e penso no passado.

No passado! Mas... o passado é um veneno. Fujo dele, de pensar nele e o bonde entra com toda a força na embocadura do Mangue.

[...]

E o bonde corre, mas "Titio Arrelia" não diz mais pilhérias, nem assovia. Limita-se muito civilizadamente a tanger o tímpano regulamentar. Estamos em pleno Mangue, cujas palmeiras farfalham mansamente, sob um céu ingratamente nevoento. Estamos no Largo de São Francisco. Desço. Penetro pela rua do Ouvidor. Onde os seus bácoros, as suas cabras, os seus galos e os seus capinzais? Não sei ou esqueci-me. Entro na Garnier e logo topo um poeta, que me recita:
– Minh'alma é triste como a rôla aflita, etc.

Então de novo me lembro da Estrada Real, dos seus porcos, das suas cabras, dos seus galos, dos capinzais. (LIMA BARRETO, 2005, p.19-20)

Já no início da crônica há uma marcação discursiva que o bonde é um local em que *todas as cores* se encontram, um local de igualdade num país marcado ideologicamente pelo racismo. O *bonde* é o lugar social de quebra de hierarquias, de livre contato familiar, da *alegre relatividade de tudo*. O bonde e a observação de que nele andam pessoas de todos os tipos e de *todas as cores* é uma marca discursiva da escrita barretiana que nos liga a uma tentativa de visibilizar a igualdade entre os homens no mundo moderno. O bonde, como elemento discursivo de uma modernidade, marca um ambiente de quebra das hierarquias, das *mésalliances*, no entanto é no bonde que se observa uma modernidade feita à brasileira, em que aparecem as diferenças – cores e tipos atravessando bairros diferentes –, unificados pelo *status* de cidadãos livres.

Na feitura brasileira, surge o *Titio Arrelia*, um *crioulo forte, espadaúdo, feio, mas simpático*, sujeito carnavalizado pelo grotesco, nos seus assovios, no tratamento

informal entre ele e as crianças, nas pilhérias, em uma personagem feia que ri um riso do dia-a-dia. O *Titio* é, ainda, uma personagem flutuante que ao chegar ao centro da cidade vai também se transformando e já não diz pilhérias, passa de uma personagem descentrada que se *civiliza* à medida que o bonde adentra nos bairros mais abastados. A troça desaparece na modernidade *Belle Époque*, o que nos leva associá-la a um descentramento das identidades não mais pensadas como fixas ou homogêneas, mas como “esses entre-lugares [que] fornecem para a elaboração de estratégias de subjetividade – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade” (BHABHA, 1998, p.20); são subjetividades que negociam com os espaços de poder e que podem, também, criar possibilidades de resistir ao poder estatuído.

Essa crônica é atravessada de ambivalências questionadoras: Enaltece o progresso(modernidade) representado pelo bonde? Pela igualdade no espaço público? Sente saudades do passado ou medo? Neste caso, remontaria à escravidão, já que *o passado é um veneno*? Há uma tentativa de compreender as mudanças entre o passado e a modernidade?

Há na trajetória do *bonde*, a combinação de elementos díspares, dos contrários que se complementam: os bairros do passado/futuro e a cidade antiga/moderna. Evidencia-se a possibilidade de um novo mundo, mas também, dentre outros sentidos, de dúvidas com o surgimento de *uma nova e irregular cidade*. Ou melhor, trata-se de uma constante na obra barretiana a construção discursiva de uma cidade em grande ebulição, por seu afã de entrar para o mundo moderno, e fundamental para compreendermos o imaginário da *Belle Époque* carioca.

O *bonde* expressa a simbologia do moderno que vai deixando o passado para trás, um passado de escravidão. Daí a fuga do passado que o atemoriza, ao mesmo tempo que vislumbra um futuro que o inquieta, ou seja, “uma força regeneradora, pois permite vislumbrar que outro mundo é possível” (FIORIN, 2016, p.101). Em uma literatura carnalizada, nada é absoluto, nada é conclusivo, é sempre no movimento da passagem que se constrói.

À ideia de progresso e civilização que sentidos, então, foram construídos nas ruas de uma América pós-colonial? As grafias urbanas são as mesmas em todo o mundo ocidental? Levando-se em conta que o Brasil liga-se à história das cidades da Europa Ocidental, e, ao mesmo tempo, a outros povos pela migração (forçada ou não) e pela dominação colonial do povo nativo, seriam estes fatos o lado escuro dessa modernidade



de becos, casebres e favelas? Mignolo (2005, p.36) nos responde pelo conceito de colonialidade como o outro lado de uma modernidade além mar, ou seja, “[...] apesar de tomar a ideia de sistema-mundo como ponto de partida, desvio-me dela ao introduzir o conceito de colonialidade¹⁶ como o outro lado (o lado escuro?) da modernidade”. E, Lima Barreto, situado nessa realidade de transformações, também se assombra com esse admirável mundo novo, em que temor e admiração se misturam, sem que a palavra – espaço de sonhos e projetos –, enquanto prática discursiva, possa definir que sentidos podem atravessar a escrita de um *flâneur* que mata com o riso e não com o sangue. E, talvez, por isso que o sujeito enunciator produza, como desfecho da crônica, uma quebra de toda seriedade, de destronamento da figura do poeta, da lembrança de porcos e cabras, ao *topar* com um daqueles poetas de sua época que declama *minh'alma é triste como a rôla aflita*. Há uma amargura grosseira e coloquial no término da crônica, um jogo de palavras com a solenidade da linguagem, uma gozação com a cena literária parnasiana cujo efeito só pode mesmo ser o de rir.

(IN) CONCLUSÕES

Um trabalho pela perspectiva dialógica nunca está acabado, sempre há outros que a partir da palavra enunciada a réplica a subverte, inclusive o próprio pesquisador-analista. E é sob essa perspectiva que discutimos sobre algumas reflexões que não solicitam o *status* de última palavra.

No entanto, as crônicas de Lima Barreto analisadas não deixam dúvidas sobre os embates discursivos entre a eugenia, os bem-nascidos, os pertencentes a um grupo privilegiado, e as diferenças étnicas de um Brasil não só colonial, como também contemporâneo. Este literato, pelo viés de uma carnavalização literária, utiliza um riso, muitas vezes tênue, para denunciar os dominadores em prol da classe desprivilegiada das favelas e subúrbios, onde se concentram sujeitos negros, ainda vinculados a uma memória escravagista.

Na primeira crônica *15 de novembro*, Lima Barreto refere-se a um Brasil República, regime político que, mesmo estando vigente há 32 anos, ainda é rescaldo do

¹⁶ Conforme Mignolo (2005) colonialidade é a construção do mundo moderno no exercício da colonialidade do poder. Trata-se também de refletir sobre as respostas, ou seja, estratégias com que os povos respondem à colonialidade.



sistema imperial escravocrata, pelo fausto e riqueza que ainda o cerca. Refuta a data comemorativa do dia da proclamação da República como uma simulação de igualdade e direitos, quando na realidade as favelas e subúrbios ainda não foram incluídas e alentadas por este regime. Na crônica *De Cascadura ao Garnier*, de uma visão geográfica e social do Rio de Janeiro, como capital do país, chega ao cotidiano da cidade, mas já é um social específico, pelo percurso do bonde que atravessa Cascadura e chega a Garnier, ou seja, sai da favela e chega à *Belle Époque* carioca, bonde este dirigido pelo *titio Arrelia negro e feio*. Enfim, as duas crônicas nos mostram um Brasil genérico onde residem os bem-nascidos e um Brasil distinto e silenciado que se manifesta pela personagem negra que, apesar de tudo, ainda ri e r-existe conduzindo o seu bonde.

As crônicas barretianas apresentam uma narrativa que teimam em brincar com o leitor *civilizado*. Como assim? Ora, aquele leitor, já habituado às imagens que se faz do autor, o associa ao beerrão e bufão, detentor da palavra do louco. Mas, justamente por isso é que se pode dizer tudo – sabemos que não se pode dizer tudo – que Lima Barreto se apropria dessa *persona* confundindo-se com personagens e sujeitos do mundo real e trazendo um pouco de vida à literatura, de sobremesa das confeitarias a salões da *Belle Époque*.

Que as crônicas de Lima Barreto possam ser pensadas como rastros discursivos de identidades dissidentes de uma modernidade que não soube dar voz aos que não se adequavam ao modelo de civilidade apregoado pelos discursos cientificistas dominantes. A criação de tipos sociais, a que se ocupou Lima Barreto, perfilada por uma observação acurada da periferia, e a criação de um espaço romanesco ainda inexistente na literatura brasileira de seus contemporâneos, inaugura e até se coloca à frente dos Modernistas de 22. Não é à toa que Magnoni (2016, p. 303) conclama que “Lima Barreto compreende que a manutenção de privilégios por determinados grupos sociais não contempla a diversidade humana e cultural existente na sociedade brasileira [...]”.

A fala barretiana incita ao leitor uma resposta, um riso crítico e uma releitura/reescrita da sociedade que nos leva a um mundo subvertido. Além disso, a escrita barretiana oportuniza questionar a voz autoritária cientificista, pois num Brasil em que a mestiçagem se materializa como um obstáculo à entrada do Brasil no mundo moderno, fez-se necessário ser a vida uma luta diária para comprovar que não eram as teorias cientificistas que estavam corretas, mas o cipoal ideológico construído a partir das mesmas que atravancam as formas de ser, de saber e de fazer de um Brasil mestiço.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRAES, Guel. O Auto Da Compadecida. *Minissérie da TV Globo. Brasil*, 157 Min, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 4ªed. Tradução de Yara Frateschi. São Paulo: *Hucitec*, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Problemas de poética em Dostoiévski. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: *Forense Universitária*, 1981.
- BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. São Paulo: *José Olympio*, 2002.
- BABO, Lamartine.. O teu cabelo não nega, 1932. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WW1rz-cvOMw>. Acessado em: 25/05/2020.
- BHABHA, Homi. O local da cultura. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: *Editora UFMG*, 1998.
- BILAC, Olavo. Registro: crônicas da Belle Époque carioca. Org. e notas de Simões Jr.. São Paulo: *Editora Unicamp*, 2011.
- BROCA, Brito. A história literária no Brasil. Rio de Janeiro: *José Olympio*, 2004.
- COSTA, Nelson Barros. (org.). 2005. Práticas discursivas: exercícios analíticos. Campinas: Ed. *Fontes*, 2005.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, 2013, p. 146-153.
- FANON, Franz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução Renato da Silveira. Salvador: *EDUFBA*, 2008.
- FERREIRA, Lígia Fonseca. Negritude, negridade, negricia: história e sentidos de três conceitos viajantes. *Via Atlântica*, v.9, 2006, p. 163-184.
- FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: *Contexto*, 2016.
- FOUCAULT, Michel. Arqueologia do saber. Tradução Luís Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: *Forense Universitária*, 2008.
- FOUCAULT, Michel. A microfísica do poder. Org. Rev. Roberto Machado. Rio de Janeiro: *Paz e Terra*, 2015.
- FREITAS, Celi Silva. Gomes. de. Lima Barreto, um intelectual-negro na “Avenida Central”. *Intellectus*, v. 4, n. 1, Rio de Janeiro, s/p, 2005. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/27589>>. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.
- HALL, Stuart. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: *Editora UFMG*, 2003.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: *DP&A*, 2006.



- LIMA BARRETO, Afonso Henriques. Clara dos anjos. Rio de Janeiro; *Livraria Garnier*, 1990.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques. Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: *Graphia*, 1993.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques. Crônicas escolhidas. São Paulo: *Ática*, 1995.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques. Recordações do escrivão Isaías Caminha. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro: *Ediouro*, 1996.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques. Bruzundangas. Porto Alegre: *L&AP/PM POCKET*, 2001.
- LIMA BARRETO Afonso Henriques. Melhores crônicas. São Paulo: *Global*. 2005.
- LIMA, Elizabete Barros de Sousa. Contos e crônicas sério-cômicos de Lima Barreto: um estudo dialógico do riso e da sátira. 132p. (Dissertação de mestrado). *Universidade de Brasília*, Brasília, Distrito Federal, 2016.
- MAGNONI, Maria Salete. Lei de Cotas e a mídia brasileira: o que diria Lima Barreto. *Estudos Avançados*, v. 30, n. 87. 2016, p. 299-312. Disponível em: <http://www.abpn.org.br>. Catálogo ABPN. Acesso em: 20/06/2020.
- MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. São Paulo: *Pontes/ Editora da Universidade Estadual de Campinas*, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Tradução Nelson Barros Costa. *Revista do GELNE*, v. 2, n. 1/2, 2000, p. 1-12.
- MAINGUENEAU, Dominique. Campo discursivo: a propósito do campo literário. Tradução Fernanda Mussalim In: POSSENTI, S., SOUSA-E-SILVA, Maria Cecília. Doze conceitos em análise do discurso. São Paulo: *Parábola Editorial*, 2010, p.49-62.
- MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise do discurso. São Paulo: *Parábola Editorial*, 2015.
- MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade In: MIGNOLO, Walter. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, *Clacso*, 2005, p. 71-110.
- MINOIS, George. História do riso e do escárnio. Tradução Maria Elena Assumpção. São Paulo: *Editora da UNESP*, 2003.
- MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o racismo na escola. 2. ed. rev. Brasília: *Ministério de Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*, 2005, p. 15-20. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 03/05/2019.
- MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: *Autêntica Editora*, 2009.
- MUNIZ, Cellina Rodrigues. A experiência pedagógica de uma escritura dionisíaca. 196f. *(Tese de Doutorado)*. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2009.



MUNIZ, Cellina Rodrigues. Notícia da Jerimunlância: a imprensa de humor em Natal na Belle Époque. Natal: *Sebo Vermelho Edições*, 2016.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna (orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: *Cortez*, 2001.

NASCIMENTO, Gabriel. Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: *Letramento*, 2019.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise e HAK, Tony. (orgs.) Por uma análise automática do discurso. Tradução Bethania S. Mariani et al. Campinas: *Edunicamp*, 1997, p. 61-162.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A cor da alma: ambivalências e ambiguidades da identidade Caravelle, Toulouse, *France*, v. 75, 2000, p. 15-24.

RODRIGUES, Raimundo Nina. Os africanos do Brasil. São Paulo: *Companhia Editora Nacional*, 1935.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto: triste visionário. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2007a.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Retrato em preto e branco: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: *Companhia das Letras*, 2007b.

SUASSUNA, Ariano. Auto da compadecida. São Paulo: *Nova Fronteira*, 1995.

Recebido em: 04/05/2020

Aprovado em: 14/02/2021